

A LUTA DO POVO – ALFABETIZAÇÃO EM SANTA CATARINA / 1976

um filme de GRUPO ZERO

Realização: Grupo Zero / **Produção:** Grupo Zero para a Direcção-Geral da Educação Permanente / **Com:** Alfredo Martins e a população da aldeia de Santa Catarina / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 16mm, preto e branco, falada em português, preservada em 2004 a partir do negativo de som e de imagem / **Duração:** 29 minutos / **Primeira apresentação na Cinemateca:** 2006, Ciclo “Abrir os Cofres”.

O filme **A Luta do Povo – Alfabetização em Santa Catarina** é apresentado com **Assim Começa uma Cooperativa** e **A Lei da Terra** (“folha” distribuída em separado).

Sessão composta por três filmes produzidos e realizados pelo Grupo Zero, que são bem demonstrativos do desenvolvimento de uma produção cinematográfica não assinada e realizada colectivamente, que acompanhou de muito perto as lutas camponesas e operárias do período pós-revolucionário. Do colectivo Grupo Zero fizeram parte, entre outros, Acácio de Almeida, Alberto Seixas Santos, Fernando Belo, Joaquim Furtado, José Luís Carvalhosa, Leonel Efe, Lia Gama, Paola Porru, Serras Gago, Solveig Nordlund, Teresa Caldas ou Maria Viegas. Extinto em meados dos anos 80, depois de ter estado associado à produção de filmes já assinados individualmente por vários dos seus membros, como **Dina e Django** (1981), de Solveig Nordlund, e **Gestos & Fragmentos** (1982), de Seixas Santos, a escolha da designação de tal colectivo surgiu por contraposição a um outro colectivo que apareceu no pós-25 de Abril no interior do Instituto Português de Cinema, a Unidade de Produção nº1, do qual apresentámos vários filmes em 2014 na Cinemateca no Ciclo “25 de Abril, Sempre – Parte I. O Movimento das Coisas”, no seu capítulo “Acção e Intervenção.”

Se os dois últimos filmes da sessão se centram mais explicitamente na questão da Reforma Agrária, o primeiro, **A Luta do Povo – Alfabetização em Santa Catarina**, revela como a alfabetização e a intervenção social junto às populações rurais eram condições essenciais para a realização de esperadas mudanças e para a sensibilização dessas mesmas populações para novas formas de organização e de consciencialização política e social, pois em 1976 uma elevada percentagem da população portuguesa era analfabeta, concentrando-se a maior taxa de analfabetismo nas zonas rurais.

A Luta do Povo – Alfabetização em Santa Catarina não procura participar directamente do mais comum esforço de alfabetização levado a cabo por algum cinema de âmbito educativo, mas procura antes salientar a importância da alfabetização para uma luta por melhores condições de vida, o que aliás é desde logo indiciado no título. É assim

um documentário que revela claramente como no pós-25 de Abril a alfabetização se fez em simultâneo com a formação política e cívica das populações.

A Luta do Povo dá voz a Alfredo Martins, trabalhador rural que só aos 44 anos frequenta a escola, e cujo comentário *off* atravessa e orienta quase todo o filme. Da mesma forma que Alfredo confessa que até então não sabia ler nem escrever, revela também que não sabia o que era a política ou o fascismo. E, a uma distância de mais de quarenta anos, não poderemos deixar de sorrir quando percebemos que as palavras que aprende nas aulas para adultos durante os dias das filmagens são “povo” e “luta”. Palavras que serão reunidas na segunda dessas aulas para formar a expressão “o povo luta”. O ensino da leitura e da escrita são assim indissociáveis da tomada de consciência de classe e de objectivos que se ligam directamente à revolução e à reforma agrária. E se, como diz a professora, “Alfredo já pode ler as palavras escritas nas paredes”, o próprio reforça a importância de já poder assinar o seu nome, que será importante na formalização da Cooperativa Agrícola Nova Esperança.

A Luta do Povo contém em si uma demonstração viva do poder de um cinema verdadeiramente de intervenção e da sua influência prática na vida das populações. Ao incorporar no seu interior o registo da projecção do próprio filme para os habitantes da Aldeia de Santa Catarina, um mês e meio depois das suas filmagens, o Grupo Zero filma também o debate que se lhe seguiu, promovido pelo próprio Colectivo. Um debate que, como veremos, teve os seus frutos imediatos ao contribuir não apenas para a discussão sobre os problemas reais da aldeia de Santa Catarina e dos seus habitantes – problemas de saúde, educação, transportes, saneamento básico, etc. –, como pelo facto de, muito provavelmente, estar na origem do plenário da aldeia, que se realiza no dia seguinte, e que é igualmente convocado no interior do filme.

Se grande parte dos documentários produzidos neste período pelas cooperativas eram destinados à televisão, um meio já então considerado hegemónico face a um menor alcance do cinema, estes mesmos filmes eram também mostrados por todo o país em projecções itinerantes que, pelo seu carácter intensivo, muito contribuíram para a degradação das cópias que hoje nos chegam. Sessões que não dispensavam momentos de debate no final, consistindo o conjunto sessão+debate uma das características essenciais do Cinema Militante. Nesse sentido, uma das grandes originalidades de **A Luta do Povo** reside no facto de incorporar tal momento de debate no seu interior. Como diz quem orienta a projecção do filme no interior do filme: “Vamos passar agora à segunda parte? Vamos falar sobre o filme?”.

Joana Ascensão